

## CARTA AO LEITOR

Meu amigo, Deus te conceda paz.

Se leste as páginas singelas do "Ha Dois Mil Anos", é possível que procures aqui a continuação das lutas intensas, vividas pelos seus personagens reais, na arena de lutas redentoras da Terra. É por esse motivo que me sinto obrigado a explicar-te alguma coisa, com respeito ao desdobramento desta nova história.

Cincoenta anos depois das ruínas fumegantes de Pompéia, nas quais o impiedoso senador Publio Lentulus se desprendia novamente do mundo, para aferir o valor de suas dolorosas experiências terrestres, vamos encontra-lo, nestas páginas, sob a veste humilde dos escravos, que o seu orgulhoso coração havia espesinhado outrora. A misericórdia do Senhor permitia-lhe reparar, na personalidade de Nestório, os desmandos e arbitrariedades cometidos no pretérito, quando, como homem público, supunha guardar nas mãos vaidosas, por um injustificável direito divino, todos os poderes. Observando um homem cativo, reconhecerás, em cada traço de seus sofrimentos, o venturoso resgate de um passado de faltas clamorosas.

Todavia, sinto-me no dever de esclarecer-te a curiosidade, com referência aos seus companheiros mais diretos, na nova romagem terrena, de que este livro é um testemunho real.

Não obstante estarem na Terra, pela mesma época, os membros da família Severus, Flávia e Marcus Lentulus, Saul e André de Gioras, Aurélia, Sulpício, Fúlvia e demais comparsas do mesmo drama, devo esclarecer-te que todos esses companheiros de luta mourejavam,



na ocasião, em outros setores de sofrimentos abençoados, não comparecendo aqui, onde o senador Públio Lentulus aparece, aos teus olhos, na indumentaria de um escravo, já na idade madura, como elemento integrante de um quadro novo.

De todos os personagens do "Ha Dois Mil Anos", um contudo aqui se encontra, junto de outras figuras do mesmo tempo, como Policarpo, embora não relacionados nominalmente no livro anterior, companheiro esse que, pelos laços afetivos, se lhe tornara um irmão devotado e carinhoso, pelas mesmas lutas políticas e sociais na Roma de Nero e de Vespasiano. Quero referir-me a Pompílio Crasso, aquele mesmo irmão de destino na destruição de Jerusalem, cujo coração palpitante lhe fôra retirado do peito por Nicandro, às ordens severas de um chefe cruel e vingativo.

Pompílio Crasso é o mesmo Helvídio Lucius destas páginas, ressurgindo no mundo para o trabalho renovador e, aludindo a um amigo dedicado e generoso, quero dizer-te que este livro não foi escrito de nós e por nós, no pressuposto de descrever as nossas lutas transitórias no mundo terrestre. Este livro é o repositório da verdade sobre um coração sublime de mulher, transformada em santa, cujo heroísmo divino foi uma luz acêsa na estrada de numerosos espíritos amargurados e sofredores.

No "Ha Dois Mil Anos" buscavamos encarecer uma época de luzes e sombras, onde a materialidade romana e o cristianismo disputavam a posse das almas, num cenário de misérias e esplendores, entre as extremas exaltações de Cesar e as maravilhosas edificações em Jesus Cristo. Ali, Públio Lentulus se movimentava num acervo de farraparias morais e deslumbramentos transitórios; aqui, entretanto, como o escravo Nestório, observa ele uma alma. Refiro-me à Célia, figura central das páginas desta história, cujo coração, amoroso e sábio, entendeu e aplicou todas as lições do Divino Mestre, no transcurso doloroso de sua vida. Na sequência dos fatos, dentro da narrativa, seguirás os seus passos de menina e de moça, como se observasses um anjo



pairando acima de todas as contingências da Terra. Santa pelas virtudes e pelos atos de sua existência edificante, seu espírito era bem o lírio nascido do lôdo das paixões do mundo, para perfumar a noite da vida terrestre, com os olores suaves das mais divinas esperanças no Céu.

Podemos afirmar, portanto, leitor amigo, que este volume não relaciona, de modo integral, a continuação das experiências purificadoras do antigo senador Lentulus, nos círculos de resgate dos trabalhos terrestres. É a história de um sublime coração feminino que se divinizou no sacrifício e na abnegação, confiando em Jesus, nas lágrimas da sua noite de dor e de trabalho, de reparação e de esperança. A igreja romana lhe guarda, até hoje, as generosas tradições, nos seus arquivos envelhecidos, se bem que as datas e as denominações, as descrições e apontamentos se encontrem confusos e obscuros pelo dedo viciado dos humanos narradores.

Mas, meu irmão e meu amigo, abre estas páginas refletindo no turbilhão de lágrimas que se représa no coração humano e pensa no quinhão de experiências amargas que os dias transitórios da vida te trouxeram. É possível que também tenhas amado e sofrido muito. Algumas vezes experimentaste o sôpro frio da adversidade enregelando o teu coração. De outras, feriram-te a alma bem intencionada e sensível a calúnia ou o desengano. Em certas circunstâncias, olhaste também o céu e perguntaste, em silêncio, onde se encontrariam a verdade e a justiça, invocando a misericórdia de Deus, em preces dolorosas. Conhecendo, porém, que todas as dores têm uma finalidade gloriosa na redenção de teu espírito, lê esta história real e medita. Os exemplos de uma alma santificada no sofrimento e na humildade te ensinarão a amar o trabalho e as penas de cada dia; observando-lhe os martírios morais e sentindo, de perto, a sua profunda fé, experimentarás um consôlo brando, renovando as tuas esperanças em Jesus Cristo.



Busca entender a essência deste repositório de verdades confortadoras e, do plano espiritual, o espírito purificado de nossa heroína derramará em teu coração o bálsamo consolador das esperanças sublimes.

Que aproveites do exemplo, como nós outros, nos tempos recuados das lutas e das experiências que passaram, é o que te deseja um irmão e servo humilde.

*Emmanuel*

Pedro Leopoldo, em 19 de dezembro de 1939.